

A SÁTIRA: RUÍDO NA REDE OU REDE-RUÍDO?

Marco Antônio de Oliveira
FALE/UFMG

Co-autores: Antônio Zumpano Pereira Santos (ICEX/UFMG)
José Carlos Cavaleiro da Silveira (MEDICINA/UFMG)
Maria Antonieta PEREIRA (FALE/UFMG)

O problema básico na leitura de um texto, qualquer que seja a sua natureza, literário ou científico, pode ser identificado como sendo o problema da produção de sentido. E o problema da produção de sentido, por sua vez, pode ser reduzido à questão da referenciação. Nesta minha participação nesta mesa pretendo lidar com a seguinte questão: como é que sabemos que um texto satírico deve ser entendido como tal? É evidente que a resposta a esta pergunta pressupõe respostas a questões anteriores, tais como: O que é que conta na produção de sentido? Como é que criamos domínios de referência? Como é que ligamos, em rede¹, domínios de referência diferentes? Como é que percebemos que passamos de um domínio de referência a outro?

Uma vez que vou estar lidando com estas questões numa perspectiva lingüística, gostaria de explicitar alguns pressupostos para, a partir daí, tentar responder à questão colocada.

De início adotarei a posição de Beaugrande², para quem *um texto é um evento comunicativo no qual convergem ações lingüísticas, sociais e cognitivas*. A noção de *evento* deve ser entendida como aquilo que acontece quando um texto é reconhecido como tal através da produção de sentido que ele permite. Por *ação* estou entendendo a utilização de nosso conhecimento de mundo e de nossas habilidades cognitivas para controlar a produção de sentido a partir dos recursos lingüísticos disponíveis. Isto posto, podemos nos distanciar, conforme

¹ Partimos do conceito de rede enquanto hipertexto, tal como definido por Pierre Lèvy. Cf. LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 135.

² BEAUGRANDE, Robert de. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1997.

sugere Rastier³, tanto de uma abordagem formalista do significado, quanto de uma abordagem hermenêutica vanguardista, i.e., nem queremos perceber o sentido como algo imanente ao texto e nem queremos defender a posição de que o texto não contribua em nada para a produção do sentido. Ao contrário, queremos dizer que é na superfície do texto que devemos procurar as pistas que nos levarão, através de ações sociais e cognitivas, à produção de um de seus sentidos possíveis, excluindo, ao mesmo tempo, vários outros candidatos.

Estou entendendo, aqui, por *rede*, um espaço de referenciação. Estou assumindo, com Benveniste⁴, que este espaço de referenciação seja criado pela linguagem, através das operações de discursivização. Assim, se digo

- *Hoje é dia 26 de julho*

estou criando um espaço referencial no qual esse enunciado pode receber uma interpretação. Este espaço é o aqui/agora discursivos. O enunciado em questão (*Hoje é dia 26 de julho*) será tomado como verdadeiro ou falso no espaço referencial criado. Caso um outro espaço de referenciação seja criado discursivamente, dentro de um espaço de referenciação anterior, cria-se um terceiro espaço, que passa a ser o domínio referencial pertinente para a interpretação dos enunciados realizados nos espaços referenciais prévios. Assim, se temos um enunciado do tipo

- *Pensei que sua casa fosse maior do que é*

devemos ter como domínio de referenciação o espaço criado pela junção de dois espaços anteriores

- (a) *sua casa é grande X*, e

- (b) *pensei que sua casa fosse grande X + n*

³ RASTIER, François. *Meaning and Textuality*. Toronto: University of Toronto Press Incorporated, 1997.

⁴ BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: Benveniste, E. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas: Pontes Editores, 1989, p. 81-90.

onde (a) é um espaço real e (b) é um espaço imaginário. Assim, não temos nenhum problema em interpretar o enunciado *Pensei que sua casa fosse maior do que é* uma vez que somos capazes de identificar tanto o espaço real quanto o imaginário, somos capazes de colocá-los em rede, constituindo um terceiro espaço que será, este sim, o domínio de referência para o enunciado como um todo. Note-se que o componente lingüístico fornece as pistas necessárias para que o componente cognitivo atribua sentido ao enunciado em questão: a presença de expressões como *pensei, imaginei, supus*, e outros, sinaliza a entrada num espaço imaginário. Expressões como estas fazem parte do componente *tático* do modelo semântico elaborado por Rastier. Note-se também que, sem expressões como essas, o enunciado ficaria estranho, como em

- *Sua casa é maior do que é*, ou,

- *Hoje é 26 de julho mas não é*.

uma vez que no mundo factual algo não pode **ser** e **não ser** X ao mesmo tempo.

Disse anteriormente que os espaços de referência podem se ligar em rede. Assim sendo, poderíamos dizer que a rede é um espaço de referência Y que pode, por sua vez, desencadear outros espaços que constituam, eles mesmos, outros domínios de referência. Isto posto podemos sugerir que a produção de sentido é sempre processual, operatória, e nunca se esgota no texto. Além disso, a produção de sentido terá que ser, necessariamente, hipertextual, já que uma rede pode conter, nela mesma, a ligação com outras redes. Isso nos leva, inevitavelmente, a afirmar que ninguém lê igual a ninguém mais, nem igual a si mesmo em momentos diferentes, ou, ninguém produz sentido igual a ninguém mais. Ou seja, se a produção de sentido requer ações lingüísticas, sociais e cognitivas, essas ações devem ser trazidas por aquele a quem se atribui a tarefa de produzir sentido. E o produtor de sentido, por sua vez, não é o mesmo o tempo todo. Embora um leitor seja constituído como tal, lingüisticamente, socialmente e cognitivamente, é preciso encarar esta constituição como uma questão de princípio.

O que temos, de fato, para cada leitor individual, num dado ponto do tempo, é uma combinação única desses três componentes, combinação essa que nunca se repete. Essa combinação, e não uma combinação em particular, constitui aquilo de que o leitor dispõe, num dado momento, para produzir sentido. Podemos chamar a essa combinação de *processador*, através do qual se produz sentido, se produz conhecimento, saber. Uma das características que podemos antever para esse processador é exatamente o fato de ele poder se ampliar, nas três direções. Somos capazes de ampliar o nosso conhecimento lingüístico, o nosso conhecimento social e as nossas habilidades cognitivas. É exatamente isso o que acontece enquanto amadurecemos. Por exemplo, para que possamos interpretar uma ação lingüística qualquer como sendo inapropriada, precisamos ter um controle fino das normas sociais de um dado grupo; para podermos compreender muitas das anedotas que nos são contadas, precisamos fazer operações inferenciais; para entendermos certos textos, precisamos conhecer suas palavras para relacioná-las aos conceitos pertinentes.

Encarando a questão, agora, do ponto de vista de quem produz um texto, ele também um produtor de sentido, seria recomendável imaginar que este produtor possa ter se utilizado de algum componente Z sobre o qual não temos nenhum controle, seja esse controle momentâneo ou permanente. Um componente Z como este é algo que não se consegue mensurar, e cuja natureza pode ser inacessível. Casos como esse podem ser encontrados em textos herméticos, cuja chave é do conhecimento de poucos ou de uma única pessoa. Num certo sentido, poderíamos dizer que todo texto contém uma certa dose de hermetismo. A produção de sentido poderá ser, portanto, transparente ou opaca, conforme o nosso sucesso em construir uma dada rede, um domínio de referência.

Passemos, agora, à nossa pergunta inicial: como é que sabemos que um dado texto é um texto satírico? Que componentes podemos localizar na superfície textual que nos apontam para

dois espaços referenciais conflitantes? Que tipo de ação intervém na leitura do domínio referencial maior, constituído pelos espaços conflitantes criados pelo componente lingüístico?

O texto com o qual trabalhei tem o título de *Uma Modesta Proposta Para Impedir que os Filhos de Gente Pobre da Irlanda sejam um Peso para os seus Pais ou o País; e para torná-los úteis ao Povo*. Trata-se de um texto de Jonathan Swift⁵, de 1729, época em que a Irlanda vivia sob o domínio da Inglaterra e em que as condições sócio-econômicas da população eram as piores possíveis. Grassavam a fome, o desemprego e as doenças e não havia, por parte dos ingleses, nenhuma tentativa de reverter a situação. A proposta de Swift, que ele qualifica como sendo “*um método simples, barato e lícito*”, consiste, pura e simplesmente, em se matar as crianças, preservando-se uma espécie de ‘reserva tática’, e comê-las. Com isso diminui-se a fome, já que diminui o número de famintos ao mesmo tempo em que se alimentam os sobreviventes, diminui-se o desemprego, uma vez que haverá um número menor de pessoas se lançando no mercado de trabalho, e as chances de uma melhor distribuição de rendas aumenta sensivelmente. Curiosamente, em nenhum momento do texto Swift explicita, com todas as letras, a sua proposta. Ela é apenas sugerida através dos trechos em que ele mostra as vantagens que ela pode trazer. Por exemplo, Swift escreve, atribuindo a opinião a um certo americano de seu conhecimento, que uma criança de um ano de idade pode ser transformada em um prato delicioso, seja ela assada, grelhada, cozida, ferventada, preparada como ficassê ou ragu. Mas, o que é que encontramos na superfície do texto em questão, e que nos aponta para sua formatação como sendo do gênero sátira? Os textos satíricos apresentam algumas características recorrentes em sua formulação. Duas dessas características são a ironia e a retórica. Textos retóricos são, muito freqüentemente, do tipo argumentativo. Neles podemos encontrar argumentos, ou

⁵ SWIFT, Jonathan. *Panfletos Satíricos*. Rio de Janeiro: TOPBOOKS Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 1999.

premissas, que conduzem a uma conclusão. Em *Uma Modesta Proposta*, podemos perceber claramente uma estrutura argumentativa, que transparece em vários pontos. Um exemplo disso pode ser encontrado na enumeração das vantagens que a adoção da proposta traria. Estas vantagens são seis, que vão desde a diminuição da população católica, que Swift chama de papista, passando por vantagens de natureza econômica, social e humanitária. Outro exemplo pode ser encontrado no tom de planejamento cuidadoso que a proposta tem: Swift faz inúmeros cálculos numa tentativa de demonstrar qual seria o número ideal de crianças a serem devoradas e qual seria o número ideal de crianças a serem poupadas para a procriação futura e auto-implementação da proposta *ad infinitum*. Um terceiro exemplo deste tom argumentativo vem ao final do texto, ponto em que Swift reitera suas razões para considerar sua proposta “*barata, eficaz e fácil*”. Esta estrutura argumentativa pertence ao plano da expressão e poderia ser considerada como pertencente ao componente *tático* de uma análise nos moldes da semântica interpretativa, se quisermos utilizar o modelo de Rastier.

Ainda no plano da expressão encontramos outras pistas que nos levam a perceber a Proposta como algo que não está, realmente, sendo proposto. O próprio Swift, enquanto autor, não explicita a Proposta em momento algum. Além disso, ao final do texto ele mesmo se exime da Proposta, dizendo que seus filhos já têm mais de nove anos de idade e que sua esposa já passou da idade de ter filhos. Mas o mais interessante de tudo é o uso que Swift faz de certos verbos e de certos pronomes anafóricos e expressões vagas para marcar um certo espaço de referência como sendo outro que não o espaço real do aqui/agora. Por exemplo, Swift se utiliza, várias vezes, de verbos *dicendi* para situar num espaço que não o real as qualidades da Proposta. Assim, encontramos no texto trechos do tipo: *garantem-me os nossos negociantes...*; *Um americano muito sabido assegurou-me*; *a uma pessoa de grandes méritos aprove sugerir*; *o meu conhecido americano garantiu-me*; *o meu amigo confessou-me*; etc. Nestes trechos

podemos ver, também, a utilização de expressões vagas como: *um americano; uma pessoa de grandes méritos, o meu amigo* (sem que se mencione quem é esse amigo). Ainda no plano da expressão, a utilização de certos itens lexicais acaba provocando uma disjunção entre os elementos componentes de um sintagma nominal, ou entre o verbo e um de seus argumentos, o que nos aponta para o fato de que dois espaços de referenciação diferentes estejam sendo utilizados. É o caso da comparação que se faz, ao longo do texto, entre pessoas e animais. Essa comparação tem início com a sugestão de que as crianças podem ser comidas, e comidas como os animais, i.e., assadas, grelhadas, ferventadas, cozidas, etc. Depois disso as crianças são classificadas em ‘machos e fêmeas’, assim como os animais; as partes do corpo de uma criança são referidas como ‘quartos, traseiros e dianteiros’; o cadáver de uma criança é referido como ‘carcaça’ e essa carcaça pode até ser ‘esfolada’ para aproveitamento da pele; o abate das crianças deverá ser feito nos ‘matadouros’; as crianças deverão levar facadas, como se faz com os ‘leitões que serão assados’; etc. Ou seja, o plano *tático* acaba sustentando o plano *temático* que ampara a *Proposta*, uma crítica duríssima à política inglesa na Irlanda. Essa crítica se revela ao longo do texto através daquilo que Rastier chamou de *moléculas sêmicas*, i.e., grupos estáveis de traços semânticos que ora se lexicalizam e ora se realizam através de outros recursos como, por exemplo, a utilização de metáforas. Um exemplo disso acontece no trecho em que Swift diz que a comida à base de crianças talvez custasse um pouco caro e fosse mais adequada aos proprietários de terras que “já tendo devorado a maioria dos pais, parecem plenamente fazer jus aos filhos”. Aqui a idéia do canibalismo físico e estendida ao canibalismo sócio-econômico que os ingleses promoviam às custas dos irlandeses.

A ironia, conforme já mencionei anteriormente, é outro recurso do qual se vale Swift para marcar, na superfície do texto, o seu caráter satírico. E são vários os exemplos disso, indo desde a qualificação da proposta de se matar e devorar crianças pobres como sendo algo *inofensivo* e

lícito até à afirmação de que ele, embora avesso a qualquer atitude cruel ou injusta, não visse na proposta nenhuma implicação de crueldade ou injustiça. A mesma ironia aguda aparece no trecho em que a proposta passa a ser bem avaliada por dar às crianças que vão morrer com um ano de idade “*uma posição na vida*”. Todas essas passagens, em que somos convidados a entender os enunciados ao contrário, têm como alvo a Inglaterra.

Ainda utilizando o modelo de semântica interpretativa proposto por Rastier, podemos observar no texto de Swift um componente *dialogico* bem marcado. O componente dialógico se ocupa das modalidades (epistêmica, alética, deôntica, etc). Cada modalidade está associada a um universo de referência. E o que temos no texto de Swift é um jogo entre dois mundos, o factual e o contrafactual. E aqui podemos nos colocar uma outra pergunta: se o texto de Swift é do tipo argumentativo (como seria, por exemplo, um texto produzido por um advogado em defesa de seu cliente), como é que sabemos que a Proposta deve ser colocada num mundo contrafactual, do irreal ou do improvável, e seja negada no mundo factual, permitindo-nos perceber que o texto é uma sátira e, a partir daí, produzir o sentido adequado? Ou ainda, como é que sabemos que uma dada passagem de um texto é uma ironia? Esse tipo de conhecimento não pode ser recuperado apenas na superfície do texto, i.e., em seus aspectos puramente estruturais. É preciso, então, admitir que o nosso processador textual irá apelar para seu componente social, necessário para a demarcação do mundo factual para, a partir daí, demarcar o mundo contrafactual. O espaço de referência será constituído por esses dois mundos que, colocados em rede, constituem um espaço maior. Será o conflito entre esses dois espaços, o factual e o contrafactual, gerado basicamente pelo nosso controle das normas sociais de comportamento, que nos fará perceber a natureza dos referentes no espaço maior e entender o texto como sendo satírico.

Portanto, voltando à questão inicial, podemos sugerir que a sátira seja um gênero produzido pela operacionalização em rede, através do discurso, de espaços referenciais

conflitantes, e que tem sua leitura final direcionada basicamente pelo nosso conhecimento social.

É evidente que o componente cognitivo terá grande participação em tudo isso, uma vez que será ele que terá que gerenciar uma rede desta natureza.